

O papel das redes sociais na Revolução de Jasmim

Marton Daniel Grala¹

Introdução

A Revolução de Jasmim, ocorrida na Tunísia, entre 17 de dezembro de 2010 e 14 de janeiro de 2011, foi assim chamada em referência à flor símbolo do país. Ao tomar maiores proporções, principalmente no Egito, a nomenclatura se ampliou para Primavera Árabe, em alusão à Primavera de Praga, na qual Alexander Dubcek assumiu o poder e provocou mudanças substanciais na Tchecoslováquia em 1968.

Essa revolução foi “Primavera Árabe que deu certo”, pois conduziu a revoltas similares no Egito, na Líbia, no Iêmen, na Síria, no Bahrein e em outras nações árabes; e trouxe uma democratização real ao país. A autoimolação do jovem Mohammed Bouazizi em razão do confisco, pelo governo da Tunísia, de seu único meio de sobrevivência — uma barraca de legumes — desencadeou tudo.

Estas revoltas também foram alcinadas de Revoluções do Twitter e do Facebook; o que sugere a importância dessas plataformas de mídias sociais da *internet* para o sucesso do movimento.

Essas mídias sociais são plataformas da *internet* utilizadas para compartilhar

conteúdo, perfis, opiniões, ideias, experiências e perspectivas, facilitando as conversações e interações *online* entre indivíduos ou grupo de pessoas com interesses comuns ou não. As redes sociais não são um novo conceito, pois sempre existiram durante a história, porém o uso das mídias sociais com base na *internet* por parte das redes sociais ocorre há pouco mais de uma década.

Cada vez mais, mídias e redes sociais são expressões que querem dizer a mesma coisa: serviços que usam sítios da *internet* e permitem construir um perfil público ou parcialmente restrito, organizar uma lista de outros usuários com os quais se quer interagir e cruzar sua lista de conexões com aquelas feitas por outros dentro do sistema, indicando sempre diálogo interativo, colaboração e contato.

Em face do exposto, surge a seguinte questão: as redes sociais tiveram contribuição realmente decisiva para o sucesso da Revolução de Jasmim?

As redes sociais na *internet*

A comunicação é algo inerente à vida humana. Surgiu com a necessidade de rela-

¹ Major da arma de Engenharia (AMAN/1997). É mestre em Operações Militares (EsAO/2005), cursando o 2º ano do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

cionamento e levou as sociedades humanas a promover inovações tecnológicas como o telégrafo (século XVIII), o telefone (século XIX), o rádio e a televisão (século XX).

A humanidade assistiu, ainda no século XX, a várias evoluções tecnológicas que permitiram a conquista do espaço, como os satélites de telecomunicações, que permitiram a retransmissão de programas de televisão e abriram novas perspectivas para a comunicação telefônica, a transmissão de dados, fax e muitos outros serviços especializados.

Adam Schaff (1995) reconheceu o papel dos computadores na configuração social e econômica da sociedade chamando de sociedade informática o que Alvin Toffler (1980) já havia batizado como a sociedade da era da informação. Porém, coube a Manuel Castells (2007) popularizar a noção de que a sociedade do século XXI é uma sociedade em rede, identificando o papel que a *internet* exerce na configuração social, econômica e política do mundo hoje.

Conceituar a *internet* é um grande desafio, porém alguns autores se arriscaram. Ainda em 2001, Antônio Lago Júnior, por exemplo, mostrou-se mais preocupado em dar um enfoque técnico ao conceito e definiu *internet* como o conjunto de redes ou meios de transmissão e comutação, roteadores, equipamentos e protocolos necessários à comunicação entre computadores. Já Raquel Gatto e colaboradores, em 2009, foram além da tecnologia, pois uma das ideias fundamentais da *internet* é propiciar a comunicação livre entre as pessoas, com quaisquer dispositivos e para as mais diversas finalidades. Manuel Castells, em 2003, considerou

que a importância da *internet* para a era da informação é tão grande quanto a eletricidade foi para a era industrial.

A *internet* teve origem em setembro de 1969, quando da criação da Arpanet, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), agência do Departamento de Defesa dos EUA, como forma de permitir que vários centros de computadores e grupos de pesquisa compartilhassem *online* tempo de computação, com o objetivo maior de alcançar superioridade tecnológico-militar em relação à URSS, durante a Guerra Fria.

Porém, somente o desenvolvimento da *world wide web* (www) permitiu à *internet* ganhar todo o mundo. Com o *software Windows 95*, a empresa Microsoft introduziu seu próprio navegador, o Internet Explorer, popularizando o uso deste meio.

A *internet* evoluiu e acabou por se tornar um instrumento formidável de comunicação e mudança, muito além da informação, possibilitando a criação de espaços cada vez mais interativos, nos quais os usuários podem modificar conteúdos e criar novos ambientes hipertextuais, com colaboração, interação e participação comunitária.

Para Castells, salvo raras exceções, as sociedades de diversos países, apesar de suas diferenças políticas, econômicas e culturais, possuem algumas características comuns, como a aceitação da realidade de globalização cultural e econômica; o provimento (com maior ou menor controle) de serviços de telefonia celular e acesso à *internet* com tecnologia de ponta; e a população cada vez mais conectada à *internet* através de dispositivos eletrônicos digitais.

Assim, os desdobramentos das mudanças ocorridas na *internet* indicam que os seres humanos mudaram, assim como as relações entre eles e a forma como se comunicam, como pensam e como constroem conhecimento.

Raquel Recuero considera que uma rede social é composta por atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões ou laços sociais. Porém, nos dias de hoje, quando se menciona o termo, em geral, refere-se a redes sociais que utilizam como plataforma a *internet*, as quais são núcleos comunitários virtuais organizados em redes interligadas de computadores, como o Facebook, o YouTube, e o Twitter.

A quantidade de usuários do Facebook, criado em 2004, que passou de um bilhão, é ainda mais significativa quando se leva em consideração que governos de diversos países restringem o acesso a essa ferramenta a seus cidadãos.

O YouTube, criado em 2005, conta atualmente com mais de um bilhão de usuários individuais que visitam o sítio mensalmente, permitindo que mensagens percorram o mundo tão rápido como um vírus. De fato, “viral” é um termo utilizado para caracterizar algo que rapidamente se alastra devido à grande quantidade de compartilhamentos dentro da *internet*.

O Twitter, criado em 2006, é uma rede social projetada para permitir a publicação de textos de no máximo 140 caracteres, possibilitando que seus usuários sigam outros participantes, sem obrigatoria reciprocidade. Mais de 115 milhões de pessoas por mês já utilizavam essa mídia em 2014, sendo influenciadas por “tui-

teiros” populares e “celebridades”, alguns com milhões de seguidores.

Hoje, em questão de segundos é possível postar uma mensagem ou imagem que poderá ser vista por milhões de pessoas de forma instantânea. Essa capilaridade das redes sociais produziu o fenômeno do ciberativismo, pois é capaz, de juntar, na multidão, cumplicidades e pontos em comum, e congrega, na mesma rede, a informação que se escolhe.

André Lemos pensa em três tipos de ciberativismo: de conscientização e informação; de organização e mobilização para uma determinada ação; e o hacktivismo, ações na rede envolvendo diversos tipos de atos eletrônicos como o envio em massa de *e-mails*, criação de listas de apoio e abaixo-assinados, até desfiguramentos e bloqueios.

Para John D. H. Downing, as pessoas que participam da divulgação e discussão de informações na *internet* ocupam uma esfera discursiva que está fora da mídia oficial. Podem falar livremente e ainda contam com uma ampla audiência, o que constitui uma excelente oportunidade, num mundo em que a informação e seus meios de distribuição são zelosamente guardados por interesses corporativos. Seus artigos não sofrem os cortes de editores politicamente cautelosos, não são silenciados pelo escrutínio do governo, nem tolhidos pela necessidade de maximizar lucros. Qualquer um que tenha acesso à *internet* pode publicar o que desejar.

O ciberativismo foi utilizado, com sucesso, nas Filipinas, em 2001, onde milhares de pessoas trocaram mensagens de texto no celular para coordenar protestos que culminam no *impeachment* do presidente Jose-

ph Estrada; na Espanha, em 2004, quando mensagens de texto acusando José María Aznar de mentir sobre o atentado ao metrô de Madri influenciaram a eleição e impuseram derrota ao primeiro-ministro nas urnas; em Belarus, em 2006, onde houve uma tentativa malsucedida de derrubar o ditador Aleksander Lucashenko por *e-mail*; no Irã, em 2009, onde ativistas usaram o Twitter para coordenar protestos contra fraudes nas eleições; na Moldávia, em 2009, onde convocações na *internet* reuniram mais de dez mil manifestantes antigoverno; e na Tailândia, em 2010, quando o movimento Red Shirt, que se opunha ao governo, usou redes sociais para coordenar suas ações.

Sob essas novas lógicas comunicacionais, é que vale a pena analisar o cibertativismo praticado durante a Revolução de Jasmim.

A Tunísia pré-revolução

O movimento da Primavera Árabe teve como causas as más condições de vida, injustiça social, governos autoritários e duradouros, corrupção, falta de liberdade política e econômica e superpopulação de jovens atingidos pelo desemprego. Samuel Huntington (1996) já afirmava que o aumento da quantidade de homens desempregados entre 15 e 30 anos é uma fonte natural de violência.

Contudo, cada um dos países envolvidos no movimento teve as suas próprias idiossincrasias. Em cada caso concreto, os contextos internos e a natureza dos regimes explicaram os diferentes processos de revolução.

A Tunísia tem uma história recente que a afasta de muitos outros países árabes, pois conheceu uma constituição ainda no século XIX. O ano de 1934, com a formação do Partido Nova Constituição, dirigido por Habib Bourguiba, marcou formalmente o início da luta tunisiana pela sua independência da França. Em 1955, Túnis alcançou o autogoverno e, em 1957, a independência como uma monarquia constitucional. Em 1957, a monarquia foi derrubada e foi proclamada a república, com Bourguiba como presidente. A França manteve sua presença militar por meio de uma base naval em Bizerta até 1963. Nesse ano, após um bloqueio por parte da Marinha Tunisiana, os franceses se viram obrigados a abandonar definitivamente o país.

O governo do Partido da Assembleia Constitucional Democrática, durante a década de 1970, abriu a economia aos investimentos estrangeiros em todos os setores e permitiu o desenvolvimento do setor privado capitalista.

Ben Ali assumiu o poder, em 1987, através de um golpe de estado. Apesar da modernização promovida; a corrupção, o peculato, o enriquecimento ilícito, o tráfico de influência, o nepotismo, as violações constantes dos direitos humanos, as severas restrições à liberdade de expressão, o desvio de fundos públicos e a falta de oportunidades para os jovens, num país que estava aberto às influências e ao conhecimento do padrão de vida dos países mais desenvolvidos, levaram à Revolução de Jasmim.

Mesmo assim, ninguém poderia imaginar que um movimento liderado por tunisianos comuns pudesse derrubar um ditador

que chefiava um estado policial, apoiado pelo Ocidente, por 23 anos.

A crise econômica e financeira global de 2008 trouxe consequências nefastas para a Tunísia, como o aumento do desemprego entre os jovens do país e das disparidades econômicas entre a região costeira, mais desenvolvida, e o interior do país, empobrecido.

Wasfi Alrawabdeh, em 2009, considerava que a principal barreira para que o desenvolvimento da *internet* no mundo árabe se equiparasse ao desenvolvimento da rede no restante do planeta era a pouca prioridade dispensada pelos seus governos à *internet*, resultando em restrita infraestrutura de acesso e existência de pouco conteúdo *online* em árabe. No entanto, dentro do mundo árabe, a Tunísia possuía, em 2011, uma das melhores infraestruturas de *internet*, contando com banda larga em 25% dos lares.

Em 2011, com a população aproximada de 10,7 milhões, a Tunísia possuía cerca de 3,6 milhões de usuários de *internet*. Desse universo, 84% tinham acesso à *internet* em casa, e 75,8%, no trabalho. E 1,6 milhão de usuários já utilizavam o Facebook.

Apesar disso, o uso da *internet* em quase todo o mundo árabe antes do movimento da Primavera Árabe era restrito pela censura imposta pelos governos, em diferentes graus, nos diversos países. Porém, o governo tunisiano, subestimando o poder das redes sociais, as quais considerava lugar para discussão de amenidades, as manteve livres de qualquer restrição, criando, em consequência, as condições

necessárias para a eclosão da Revolução de Jasmim.

O uso das redes sociais no movimento

O estopim da Revolução de Jasmim foi aceso quando Tarek al-Tayyib Mohamed ibn Bouazizi, um desempregado de 26 anos, de forma desesperada, ateou fogo ao próprio corpo com gasolina, na cidade de Sidi Bouzidi, no dia 17 de dezembro de 2010, como protesto por ter sido agredido e impedido por funcionários do governo de vender produtos numa feira livre por falta de pagamento de propina.

A tragédia pessoal de Bouazizi, que só veio a falecer no hospital no dia 5 de janeiro de 2011, desencadeou os protestos que acabaram por provocar uma onda revolucionária que envolveu toda a Tunísia nos meses de dezembro e janeiro, tendo como atores, principalmente, jovens desempregados, entre os quais muitos diplomados.

A *internet*, dada a sua virtualidade infinita, possibilitou, na Tunísia, uma comunicação universal e uma visibilidade sem os constrangimentos decorrentes da gestão e monopólio do uso da palavra por parte dos poderes públicos e se converteu em lugar de exercício da liberdade e da cidadania, em face da inexistência de um espaço público democrático.

As frases difundidas em cartazes e grafites nos muros das cidades de Alexandria, Túnis, Trípoli e Cairo expressavam o agradecimento da população às redes como o Facebook, o YouTube e o Twitter. Escritas em árabe, inglês e francês, as sentenças narrativas, que ganharam destaque nas páginas dos

principais jornais do mundo e chamaram a atenção dos canais de televisão e emissoras de rádio, diziam: “merci, Facebook”, “thank you, Twitter”, etc. Entrevistas concedidas por líderes políticos, religiosos e ativistas das regiões após a queda dos ditadores sempre ressaltaram a importância das redes sociais para o fim dos anos de opressão.

Iniciado em Sidi Bouzidi, logo o movimento se espalhou com a divulgação, através do Facebook, de vídeos e fotos das primeiras repressões impostas pelo regime de Ben Ali. Ainda no dia 18 de dezembro de 2010, centenas de manifestantes promoveram um quebra-quebra, rompendo vidros de lojas e danificando carros.

Após o suicídio de Houcine Néji Falhi, de 24 anos, que se electrocutou escalando um poste de alta tensão, durante um protesto em Sidi Bouzidi no dia 22 de dezembro de 2010, o governo aumentou o controle e a censura sobre os sítios eletrônicos de cunho político, mas manteve o Facebook livre, por julgá-lo inofensivo.

Em 24 de dezembro de 2011, as forças policiais fizeram sua primeira vítima: Mohamed Ammari, jovem de 18 anos morto com um tiro no peito durante protesto em Sidi Bouzidi. Então, blogueiros, como Azyz Amami, intensificaram a divulgação das imagens das manifestações que, a essa altura, já ocorriam nas cidades de Kasserine, Thala, Regueb e Medenin, aproximando-se da capital Túnis.

No dia 27, os protestos chegaram à capital Túnis, e, a partir de 28 de dezembro de 2010, à Nessma TV, o maior canal de notícias da Tunísia, passou a cobrir a revolta.

No dia 2 de janeiro de 2011, *hackers* do grupo ativista “Anonymous” invadiram o sítio eletrônico de vários órgãos governamentais e do maior sindicato nacional, a UGTT, que apoiava o regime de Ben Ali, divulgando mensagens de estímulo aos protestos.

Com a chegada do movimento à capital, o Twitter, com sua velocidade de difusão de mensagens, passou a ser utilizado para orientar as pessoas sobre locais de reunião de manifestantes e de barreiras policiais. Através dessa rede social, fotos das violentas dispersões circularam o mundo, e vídeos foram distribuídos através dos celulares para os canais France 24 e Al Jazeera, diminuindo a já reduzida liberdade de ação do regime de Ben Ali.

A Al Jazeera, com seu canal de televisão e sítio eletrônico, é considerada sempre uma ameaça pelos governos do mundo árabe, devido à sua grande penetração local e mundial. Prova disso é que, durante a Primavera Árabe, o governo líbio bloqueou o acesso ao seu sítio eletrônico, e o governo egípcio fechou todos os escritórios da emissora no país. Porém, tais medidas tiveram efeito contrário ao desejado, pois foram vistas pela comunidade mundial como desesperadas.

Em 6 de janeiro de 2011, seis blogueiros foram presos pela polícia, e páginas de mídias estrangeiras como France 24, Al Jazeera, Le Nouvel Observateur, BBC e Rue 89 foram bloqueadas, ao mesmo tempo que o sítio eletrônico Wikileaks anunciava a corrupção do clã Ben Ali, que foi traduzido para os tunisianos em *sites* como o *Nawaat.org*.

Mas foi através do Facebook que a revolução se alastrou, junto com o comparti-

lhamento de vídeos-denúncia hospedados no YouTube. Na *internet*, muitas vezes mascaradas sob nomes falsos, comunidades no Facebook denunciaram a repressão. Um dos blogueiros presos por Ben Ali, Slim Amamou, foi uma das figuras mais simbólicas dos protestos, resistindo à ditadura com seu *blog*, que possuía na época, catorze mil seguidores.

As redes sociais são referidas pelas mídias tradicionais (jornais, televisão, rádio) como os pilares que permitiram a derrocada do regime de Ben Ali. Pode-se dizer que os acontecimentos na Tunísia foram vividos em duas esferas distintas: no nível da ação coletiva e da experiência pública, nas praças e nas ruas; e no nível das experiências mediadas pelas conexões do ambiente *online*.

A repressão do governo aumentou. O gás lacrimogêneo foi sendo gradualmente substituído por tiros reais, que já haviam matado, em 7 de janeiro de 2011, cerca de 150 pessoas.

Mas já era tarde. Todos os setores do país, incluindo o Exército e o UGTT, já haviam aderido à revolta, que era divulgada ao vivo para todo o mundo. Entre os dias 1º e 12 de janeiro de 2011, o Facebook ganhou 150 mil novos usuários no país, com os quais se chegou ao total de 1,67 milhão de pessoas.

Em uma derradeira tentativa de reverter o processo, Ben Ali fez uma declaração pública à nação pela televisão, denunciando “atos terroristas” e anunciando a criação de 300 mil empregos até 2012. Mas os confrontos dos manifestantes com as forças policiais se intensificaram.

Em 14 de janeiro de 2011, Ben Ali foi informado por assessores que sua perma-

nência no poder estava prejudicando a segurança nacional. À noite, sem ter mais o que fazer, o ditador, juntamente com sua família, fugiu da Tunísia e se refugiou na Arábia Saudita.

No dia 15 de janeiro de 2011, houve o auge do uso do Twitter, em quantidade de acessos e envio de mensagens, dentro do país. Naquele dia, o presidente do parlamento tunisiano, Foued Mebazaa, assumiu interinamente a presidência, depois de ser designado pelo Conselho Constitucional da Tunísia, no momento em que se contabilizavam 338 mortos e 2.174 feridos.

O Facebook, o Twitter e outras redes sociais constituem ferramentas poderosas, e o caso tunisiano veio a demonstrar as facilidades com que a informação circula nos nossos dias. Essas redes tornaram-se os utensílios eleitos para lançar as palavras de ordem, coordenar as manifestações e ajuntamentos em tempo real, manter os protestos em linha, difundir as imagens das manifestações e da repressão, criar “logos” e imagens.

As redes sociais são um meio disponível a praticamente todas as pessoas com acesso à *internet*, sem qualquer custo ou outras exigências. Têm grande relevância pela capacidade de informação que geram, pelas discussões que criam e pela partilha que promovem, sendo os usuários os próprios editores, sem censura nem obstáculos de publicação. E sua importância se deve, principalmente ao fato de serem utilizadas, em sua grande maioria, por uma nova geração, com novas ideias.

O governo tunisiano não tinha controle sobre essa nova forma de comunicação, subestimou seu poder e não a censurou. O

poder de uma mensagem ou imagem postada no Facebook foi maior que o de uma arma de fogo.

A *internet* estimulou o aparecimento de grupos de pessoas que, sem se conhecerem, compartilharam opiniões e objetivos e criaram afinidades. Os telefones celulares com acesso à *internet*, as mensagens escritas e as redes sociais engrossaram esta tendência; o círculo de pessoas unido tornou-se cada vez mais amplo, quebrando barreiras e fronteiras.

Está claro o protagonismo que as redes sociais tiveram, ajudando a acelerar as tensões e a contestação acumulada, num sistema já claramente vulnerável. Ben Ali não se deu conta de que a informação é a mais poderosa fonte de poder.

Conclusão

A criação da *internet*, permitindo a disseminação simultânea de grande quantidade de informações em todo o planeta, foi um marco na evolução das comunicações. O uso das redes sociais criadas na *internet* tem grande relevância no ativismo político na atuali-

dade, sendo a Revolução de Jasmim um dos exemplos mais importantes.

Diversas foram as causas dessa revolução, dentre as quais se destacam o descontentamento da juventude com o desemprego, as reduzidas perspectivas de mudança, a falta de liberdade de expressão e a desigualdade social. Essa insatisfação encontrou campo fértil na *internet*, visto que a Tunísia possuía, em 2010, uma boa infraestrutura de acesso, principalmente se comparada a seus vizinhos árabes, e uma população predominantemente jovem, aberta às novas tecnologias.

O movimento culminou com a queda do regime liderado, havia mais de duas décadas, por Ben Ali e contou com ampla utilização de redes sociais, com destaque para o Facebook, o Twitter e o YouTube, que tiveram seu poder multiplicado devido à reprodução de informações através de outros meios de comunicação, como o canal de televisão Al Jazeera.

Em virtude de todos os argumentos apresentados, pode-se concluir que as redes sociais contribuíram de maneira decisiva para o sucesso da Revolução de Jasmim. ◉

Referências

- ALRAWABDEH, Wasfi. Internet and the Arab World: understanding the key issues and overcoming the barriers. **The International Arab Journal of Information Technology**, Kent, jan.2009. Disponível em: <www.iajit.org>. Acesso 27abr. 2014.
- BABO, Isabel. As manifestações na Tunísia e no Egito em 2010-2011. **Análise Social**, Lisboa, out. 2013. Disponível em: <www.analise.social.pt>. Acesso 11 mar. 2014.
- BARBOSA, Pedro Gomes. Primavera no mundo árabe? Um mito a desfazer. **Grupo de Estudos Euro-Med-Atlântico**, Lisboa, jun. 2011. Disponível em: <www.geema.org>. Acesso 11 mar. 2014.
- BASS, Sadie. China's Facebook status: blocked. **ABC News Blog**, jul. 2009. Disponível em: <//abcnews.go.com/blogs/headlines/2009/07/chinas-facebook-status-blocked>. Acesso 23 ago. 2014.

BAYAT, Asef. A new arabstreet in post-islamisttimes. **Heinrich Böll Stiftung**, Berlim, jan. 2011. Disponível em: <www.boell.de>. Acesso 19 fev. 2014.

BLATTMANN, U.; SILVA, F. C. C. **Colaboração e interação na Web 2.0**. 2007. Disponível em: <//revista.ibict.br/pbcib/index.php/pbcib/article/view/846>. Acesso 24 ago. 2014.

BRAGANÇA, Isabel. Evolução das comunicações. **Centro Novas Oportunidades**, Abrantes, maio. 2009. Disponível em: <www.ebah.com.br>. Acesso 19 ago. 2014.

CARDOSO, Gustavo; LAMY, Cláudia. Redes sociais: comunicação e mudança. **E-journalofInternationalRelations**, Lisboa, Primavera 2011. Disponível em: <janus.ual.pt>. Acesso 17 fev. 2014.

CARVALHO, Suely Ferreira de. **O choque, a aliança, o contrato: perspectivas da aliança de civilizações face à teoria de Choque de Samuel Huntington e ao advento da Primavera Árabe**. 2011. 53 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007

CHA, M.; HADDADI, H.; BENEVENUTO, F.; GUMMADI, K. P. Measuring user influence in Twitter: the million follower fallacy. **Proceedings of 4th Int'l AAAI Conference on Weblogs and Social Media**, Washington, 2010. Disponível em: <www.icwsm.org>. Acesso 03 mar. 2014.

COGGIOLA, Osvaldo. Túnez y la revolución árabe. **Aurora**, Marília, jan. 2011. Disponível em: <www.marilia.unesp.br>. Acesso 11 mar. 2014.

COOPER, Charles. Pakistan bans Facebook over Muhammad caricature row - Tech Talk. **CBS News**, mai. 2010. Disponível em: <www.cbsnews.com/8301-501465_162-20005388-501465.html>. Acesso 22 ago. 2014.

DE GRACIA, Augustín. Las rebeliones árabes sientan bases históricas por el uso de la tecnología. **Cuadernos de Información y Comunicación (CIC)**, Madri, vol. 16, out. 2011. Disponível em <//revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/36994/35803>. Acesso em 04 dez. 2014.

DI FATIMA, Branco. Primavera Árabe: vigilância e controle na sociedade da informação. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Covilhã, 2012. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso 23 fev. 2014.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

GALITO, Maria Sousa. Geopolítica do Mundo Árabe. **Centro de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais**, Lisboa, fev. 2011. Disponível em: <www.ci-cpri.com>. Acesso 19 fev. 2014.

- GATTO, Raquel; MOREIRAS, A.; GETSCHKO, Demi. Governança da internet: conceito, evolução e abrangência. **XXVII Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <www.lbd.dcc.ufmg.br>. Acesso 19 ago. 2014.
- HOFHEINZ, Albrecht. The internet in the Arab World: playground for political liberalization. **IPG**, Bonn, jan.2005. Disponível em: <www.fes.de>. Acesso 24 fev. 2014.
- HUNTINGTON, Samuel H. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996.
- HUSAIN, Mishal. How Facebook changed the world: the Arab Spring – Episode 1. **BBC**, Londres, set. 2011. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso 12 mar. 2014.
- JOHNSON, S. **Interface culture: how new technology transforms the way we create and communicate**. Nova York: Harper Edge (Harper Collins), 1997.
- LAGO JÚNIOR, Antônio. **Responsabilidade civil por atos ilícitos na internet**. São Paulo: LTR Editora, 2001.
- LEMONS, André. **Ciberativismo**. Salvador, 2004. Disponível em: <www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemons/ciberativismo.pdf>. Acesso 25 fev. 2014.
- MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O Meio é a mensagem**. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- MHAMBI, Kameraad. **Tunisia and the technologies of Freedom**. Jan. 2011. Disponível em: <mhambi.com/2011/01/tunisia-social-media-uprising>. Acesso 17 ago. 2014.
- NIEKERK, Brett Van; PILLAY, Kiru; MAHARAJ, Manoj. Analyzing the role of ICTs in the tunisian and egyptian unrest from an information warfare perspective. **International Journal of Communication**, Los Angeles, 2011. Disponível em: <ijoc.org>. Acesso 17 fev. 2014.
- OLIVEIRA, Daniela Sofia Guerreiro de. **O poder da informação na política mundial: a wikileaks e a revolução na Tunísia**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012a.
- OLIVEIRA, Letícia. **“Revolução Facebook”**: em que medida as redes sociais na internet interferiram na deflagração da chamada Primavera Árabe? 2012. 28 f. Monografia apresentada como tese de Especialista em Relações Internacionais – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- PAVÃO JÚNIOR, Jadyr; SBARAI, Rafael. O Twitter só não faz revolução. Mas ajuda. **Veja**, jan. 2011. Disponível em: <veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/o-twitter-so-nao-faz-revolucao-mas-ajuda>. Acesso 13 jul. 2011.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009

- SANTOS, Patrícia Basseto; BIZELLI, José Luís. O ciberativismo tunisiano: análise contextual das novas mídias e uma proposta de documentário interativo. **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Fortaleza, set. 2012. Disponível em: <www.intercom.org>. Acesso 13 mar. 2014.
- SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SHAHI, Afshin. Iran's digital war. **Daily Star**, jul. 2008. Disponível em: <web.archive.org/web/20080814223841/http://dailystaregypt.com/article.aspx?ArticleID=15313>. Acesso 21 ago. 2014.
- SILVA, Raquel Matos. **As redes sociais e a revolução em tempo real: o caso do Egito**. 2011. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SILVA, Teresa de Almeida. O “novo” mundo árabe: ruptura ou continuidade? **SÉCULO XXI**, Porto Alegre, dez. 2012. Disponível em: <www.espm.br>. Acesso 11 mar. 2014.
- SIOTANE, Sérgio K. **Alterações de paradigmas com o advento da Web 2.0**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia da Informação) – Faculdade Impacta de Tecnologia, São Paulo, 2007.
- TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- UTSUNOMIYA, Fred Izumi; REIS, Mariza de Fátima. Reflexões sobre o alcance do agir comunicativo da sociedade civil em redes sociais: o ciberativismo em questão. **Simpósio de Mídias Sociais e Sociabilidade**, Salvador, out. 2011. Disponível em: <gitsufba.net/simposio>. Acesso 24 mar. 2014.
- NR: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.